



## Arquivo Lima Barreto, uma memória para o mundo: legado cultural e preservação de uma memória subterrânea

**Carlos Henrique Juvêncio**

Doutor em Ciência da Informação, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. Professor Adjunto II, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/1646741868261976>

[carloshjuv@gmail.com](mailto:carloshjuv@gmail.com)



Submetido em: 15/08/2023. Aprovado em: 06/02/2024. Publicado em: 29/07/2024.

### RESUMO

Busca compreender a importância da nomeação da Coleção Lima Barreto, custodiada pela Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, como Memória do Mundo pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), à luz da noção de memória subterrânea de Pollak (1989). Parte da premissa de que a Coleção Lima Barreto, para além de representar o escritor, é um importante elemento social, na medida em que eterniza uma pessoa negra, descendente de pessoas escravizadas, que sofreu durante boa parte de sua vida com as auguras do preconceito de classe, cor e de vulnerabilidade social. Utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica, a partir de referenciais teóricos sobre o arquivo pessoal e a sua relação com a memória, além de pretender compreender o Programa Memória do Mundo da UNESCO. Conclui que é importante que se tire dos subterrâneos as memórias de inúmeros grupos que compõem o social, mas que não se fazem presentes nas instituições de memória.

**Palavras-chave:** arquivo pessoal; Lima Barreto; programa memória do mundo.

## INTRODUÇÃO

Chama-se de “imortal” aquele que é eleito a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL), “concedendo simbolicamente a seus membros a fugaz sensação da imortalidade de uma glória ‘que fica, eleva, honra e consola’” (Secchin, 2016). Afonso Henriques de Lima Barreto ou, simplesmente, Lima Barreto, não teve esse privilégio. Candidato por 3 vezes, foi rechaçado em todas pelos imortais, uma vez que não se encaixava nos padrões por eles estipulados. Contudo, em 2017, a imortalidade é chancelada a Lima Barreto com a nomeação de seu arquivo pessoal como “Memória do Mundo” pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Se o título, autoimposto e um tanto pedante, não foi conferido ao escritor, a chancela mundial honra sua trajetória.

Nascido no Rio de Janeiro em 13 de maio de 1881, filho de João Henriques de Lima Barreto e de Amália Augusta de Lima Barreto, ambos descendentes de pessoas escravizadas, o simbolismo já o acompanhava desde pequeno, pois, aos sete anos, teve como presente de aniversário a Abolição da Escravatura.

Vivendo no fim do século XIX, início do XX, Lima Barreto pôde presenciar fatos importantes da história do Rio de Janeiro e do Brasil, além da Abolição, viu ser proclamada a República, em 1889, foi testemunha de inúmeras revoltas, como a da Armada (1891-1894) e a da Vacina (1904), além de ser testemunha ocular e narrador das grandes reformas urbanas que o Rio de Janeiro, então capital federal, sofreu a partir de 1900 (Schwarcz, 2017).

Ao longo de sua vida, exerceu o cargo burocrático de escriturário do Ministério da Guerra, mas se destacou pela escrita, atuando como jornalista e escritor. Publicou inúmeros contos, reportagens e livros, deixando vasto legado às letras brasileiras (Schwarcz, 2017). Foi categorizado, se assim podemos dizer, como pré-modernista, haja vista que, em suas obras, se enxergava a busca pelo brasileiro e pelo Brasil sem retoques, fato que predomina a partir de 1922 e, notadamente, no período de Getúlio Vargas (1930-1945).

Fruto dessa visão, suas obras são consideradas um retrato cru da realidade brasileira do período, sobretudo na então capital, seja denunciando o expurgo das populações mais pobres para os subúrbios – longe das vistas das elites – ou da batalha diária contra o preconceito. Lima, além de negro, era alcóolatra e, por isso, em inúmeros momentos, foi deixado à margem por seus congêneres da *intelligentsia* brasileira<sup>2</sup>.

Este artigo objetiva, portanto, compreender a importância da nomeação da Coleção Lima Barreto<sup>3</sup>, custodiada pela Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, como Memória do Mundo pela UNESCO, à luz da noção de memória subterrânea de Pollak (1989). Para o

---

1 “Em setembro de 1898 os Acadêmicos José Veríssimo e Lúcio de Mendonça apresentaram, em sessão, para dístico da Academia, o seguinte verso de Machado de Assis” (120 Anos..., 2018, n. p.).

2 A biografia de Lima Barreto cita vários embates com membros da Academia Brasileira de Letras.

3 Apesar de nomeada de Coleção, o que, de fato, temos é o arquivo pessoal do escritor. Contudo, é de praxe na Biblioteca Nacional que mesmo os arquivos sejam nomeados como Coleção, tendo em vista a vertente colecionista de uma biblioteca.

autor, a memória subterrânea é “[...] parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, [e] se opõem à ‘Memória oficial’, no caso a memória nacional” (Pollak, 1989, p. 4). Destacando, ainda, que

[...] uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades” (Pollak, 1989, p. 5).

Dessa forma, a memória de Lima Barreto se constitui em subterrânea, por se tratar de um autor negro, pobre e alcóolatra, cujo estigma, decorrente de tais identidades, o acompanhou durante toda a sua vida.

A Coleção Lima Barreto está de posse da Biblioteca Nacional, custodiada pela Seção de Manuscritos, e conta com cerca de 1134 documentos:

Os manuscritos, desorganizados, após sucessivas mudanças, ficaram sob a guarda de sua irmã Evangelina de Lima Barreto e foram encontrados e organizados por Francisco de Assis Barbosa. Assis Barbosa, futuro biógrafo de Lima Barreto, sugeriu a Rubens Borba de Moraes, então diretor da Biblioteca Nacional, sua aquisição, o que foi feito após avaliação, em 1947 (Perez, 2018, p. 378).

Em 2023, pouco mais de cem anos após a morte do escritor, foi lançado um novo inventário da Coleção Lima Barreto<sup>4</sup>, parte do compromisso assumido a partir da nomeação do conjunto documental como Memória do Mundo.

## **METODOLOGIA**

Este artigo foi construído a partir da premissa de que a Coleção Lima Barreto, para além de representar o escritor, é um importante elemento social, na medida em que eterniza uma pessoa negra, descendente de pessoas escravizadas, que sofreu durante boa parte de sua vida com as auguras do preconceito de classe, cor e de vulnerabilidade social.

Inicialmente, de classe, por não ser filho de nenhum membro da elite, sendo apenas afilhado do Visconde de Ouro Preto<sup>5</sup> – o que lhe garantiu alguma vantagem, mas não o livrou do crivo social de seus pares. Ainda mais por ser negro em uma sociedade recém-saída do regime escravocrata. Se hoje ainda sofremos reflexos daquele período, imaginemos no início do século XX.

4 Site: <https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/producao/publicacoes/colecoes/colecao-rodolfo-garcia/catalogo-lima-barreto>.

5 Afonso Celso de Assis Figueiredo. “Nasceu em Ouro Preto, MG, em 21 de fevereiro de 1837, e faleceu em Petrópolis, RJ, em 21 de dezembro de 1912. Formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo (1858). [...] Em 1866, aos 29 anos, foi ministro da Marinha, em plena guerra contra o Paraguai. [...] Em 1889, num dos momentos mais difíceis da política imperial, assumiu a presidência do Conselho de Ministros. Teve de enfrentar a aguerrida oposição de adeptos do regime republicano, entre os quais Rui Barbosa, Benjamin Constant, José do Patrocínio, padre João Manuel de Carvalho e outros, tanto na Câmara como, principalmente, na imprensa. A crise proveniente da ‘questão militar’ atingiu, então, seu apogeu, e o visconde de Ouro Preto (título com que fora agraciado em 1888), na madrugada de 15 de novembro de 1889, entregou a chefia do Gabinete ao Imperador. O ‘golpe militar’ derrubou, também, a monarquia. Proclamada a República, Ouro Preto foi preso e exilado na Europa, juntamente com o irmão conselheiro Carlos Afonso de Assis Figueiredo.” (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2023, n. p.).

Alcôolatra, o escritor foi internado algumas vezes no Asilo de Alienados D. Pedro II, e, por conta da vida boêmia que levava, acompanhou de perto as transformações que o projeto da Paris nos Trópicos<sup>6</sup> causou à cidade e aos seus habitantes, sobretudo os mais pobres, como ele. O expurgo da população, que antes ocupava o Centro da cidade, para a região conhecida como Cidade Nova e os subúrbios cariocas, a reboque das linhas de trem, são exemplares. O próprio Lima Barreto residia em Todos os Santos, bairro do subúrbio.

Assim, alinhamos o pensamento de Lima Barreto e de seus textos com o retrato social por ele estabelecido, a memória legada ao futuro por esses relatos, evidenciando seu impacto social. Traços de sua biografia ajudam a elucidar o seu pensamento, a sua obra e as transformações da cidade e do país.

Por fim, busca-se observar os objetivos do Programa Memória do Mundo, seu impacto social e como suas diretrizes impactam na forma que o social trata os registros de memória por eles nominados “Memória do Mundo”.

Foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica, buscando compreender o arquivo pessoal de Lima Barreto e sua ligação com a memória social, evidenciando aspectos do que Pollak (1989) chama de memória subterrânea, uma vez que vai na contramão das narrativas oficiais de Estado e que os documentos não pertencem a um membro proeminente das elites, mas, sim, a um escritor marginalizado que fora vítima incontestemente do preconceito racial e social.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A Coleção Lima Barreto possui, além dos originais de inúmeras obras do escritor, correspondências enviadas e recebidas por ele ao longo de sua vida, tendo como datas-limites os anos de 1892 até 1922, ano de sua morte. “O acervo documental de Lima Barreto (1881-1922) consta de originais de livros, contos, artigos para periódicos, anotações, recortes de jornais, algumas correspondências enviadas e várias recebidas, no total de 1.134 registros do período de 1892 a 1922” (Nogueira, 2023, p. 10).

Tais documentos revelam pedidos de favores, como envio de livros ou empregos nas oficinas de jornais, comentários sobre seus livros e textos, cumprimentos de amigos e colegas, além de debates sobre o cenário político e literário nacional, notadamente nas cartas trocadas com Monteiro Lobato<sup>7</sup>, seu amigo e editor.

---

6 O termo é uma alusão ao referencial estético de arquitetura urbana da reforma de Paris, no século XIX, que influenciou a reforma implementada por Pereira Passos e muitos outros governantes mundo afora.

7 “Monteiro Lobato (1882-1948) foi um escritor e editor brasileiro. “O Sítio do Pica-pau Amarelo” é sua obra de maior destaque na literatura infantil. Criou a “Editora Monteiro Lobato” e mais tarde a “Companhia Editora Nacional”. Foi um dos primeiros autores de literatura infantil de nosso país e de toda América Latina” (Frazão, 2022).

Por também ser jornalista, Lima Barreto era um narrador das mudanças que a capital federal sofria. Vários de seus textos retratam o cotidiano da urbe carioca, sempre com um olhar apurado e crítico sobre a situação dos mais vulneráveis e das reais intenções da grande reforma implementada por Pereira Passos<sup>8</sup> no início do século XX.

Ferrenho opositor da europeização da então capital federal, nem mesmo a Biblioteca Nacional, que ergueu um novo prédio entre 1905 e 1910 na Avenida Central, atual Rio Branco, escapou à crítica. Lima condenou, em artigo publicado em 1915, o suntuoso palácio em que ela agora estava instalada, mas que não era acolhedor ao povo (Barreto, 2017a).

Portanto, a visão que transparece do arquivo pessoal de Lima Barreto é conflitante com a narrativa estabelecida pelo *status quo*, afinal, a remodelação pela qual passava a cidade tinha o pretexto de urbanizar o espaço acabando com as inúmeras crises sanitárias que a assolavam. Os cortiços, por aglomerarem muitas pessoas, foram eleitos vilões e postos abaixo. A população que neles viviam, em sua maioria pobre, foram empurradas para as divisas da cidade, para os subúrbios, ou tiveram que subir o morro, sobretudo o da Providência<sup>9</sup>, para se manter perto do centro urbano. Logo:

[...] essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes (Pollak, 1989, p. 2).

Essas memórias subterrâneas são, em sua essência, segundo Pollak (1989), aquelas que entram em conflito com a narrativa oficial, que desvelam fatos para além daqueles que as elites estabelecidas desejam, perfazendo uma narrativa extraoficial, haja vista que, estando institucionalizado, o arquivo passa a compor a memória nacional. Contudo, nem sempre seu conteúdo expressa o que ao coletivo é imposto.

Assim, arquivos pessoais, como o de Lima Barreto:

[...] contêm a visão individual das experiências da vida; afastam-se, portanto, da formalidade coletiva e da organização sistêmica presentes em outros tipos de documentos. Há nos arquivos pessoais uma intimidade inexistente no sistema formalizado, coletivo e corporativo de arquivamento. [...] No caso dos arquivos de escritores, as experiências registradas no material arquivístico incluem não apenas os atos e acontecimentos concernentes ao seu trabalho, mas também suas ideias, opiniões, preconceitos e reações emocionais com relação ao circuito literário, atividades de ensino, de publicação, participação em júris e exercícios da crítica, além de toda a experiência do próprio ato de escrever (Hobbs, 2018, p. 262-263).

---

8 “Bacharel em ciencias physicas e mathematicas e engenheiro civil, desempenhou muitas comissões importantes do governo, sendo por muitos annos director da actual estrada de ferro Central do Brazil ; esteve em Inglaterra commissionado pelo governo, e ultimamente tem estado na direcção de varias empresas de viação ferrea, como na estrada de Macahé a Campos, na do Cosme Velho ao Corcovado e na companhia ferro-carril de S. Christovão. É sócio fundador do Instituto polytecnico brasileiro; é da associação promotora da instrucção, etc. [...]” (Sacramento Blake, 1895, p. 89-90).

9 Considerada a primeira favela do Brasil, situa-se no morro homônimo no bairro da Gamboa, na Zona Central da cidade do Rio de Janeiro.

Logo, o arquivo de Lima Barreto, para além de representar o escrito, representa suas visões de mundo, suas inclinações políticas, sua rede de relacionamentos (e, por que não, de desafetos). Oliveira, Macêdo e Sobral (2017, p. 2) corroboram com Hobbs ao declararem que:

Arquivos pessoais são produtos socioculturais que constituem referenciais para a memória coletiva e para a pesquisa histórica. Esses conjuntos documentais, além de refletirem as funções desempenhadas por seu produtor e seus interlocutores, contêm vestígios do seu caráter individual, ou seja, não só possuem apenas documentos considerados “oficiais” e públicos, mas também, por sua natureza, são fontes sobre a vida, os relacionamentos, o indivíduo e sua intimidade; em última análise, traduzem a sua identidade ou identidades.

No que concerne a identidades, a de Lima é representada pelos documentos relativos à sua vida como servidor público, jornalista e escritor, mas, acima de tudo, perfizeram um retrato involuntário da sociedade do período. A correspondência trocada, por exemplo, com Monteiro Lobato, revela bastidores das edições de seus livros, inquietações e frustrações de um autor ainda pouco reconhecido e comentários sobre o país de um modo geral.

Além disso, seus originais, mesmo os não publicados em vida, evidenciam as perturbações sofridas por ele pelo preconceito e pela alienação social, especialmente quando foi interno do Asilo de Alienados, onde escreveu “Diário do Hospício” e “Cemitérios do Vivos”, obras inacabadas que revelam muito das aflições da pessoa Lima Barreto, da astúcia e, me perdoe, caro leitor, da genialidade do escritor. Os originais, hoje publicados, são um retrato nu e cru do sistema brasileiro de saúde para o tratamento de enfermidades psicológicas. Refém da bebida, Lima Barreto conviveu com toda a sorte de enfermos durante o período e fez uma espécie de estudo antropológico da sua internação e dos personagens com os quais conviveu (Barreto, 2017b).

Portanto, sua candidatura ao Programa Memória do Mundo baseia-se em pareceres de especialistas no escritor, os quais destacam que:

Trata-se de coleção preciosa, rara por sua composição, reunindo manuscritos do escritor e várias outras documentações, preservada pela Biblioteca Nacional do Brasil, com grande parte do acervo já disponibilizada via internet. A memória do escritor, intelectual negro e pobre, vivendo em subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, é documentação não só de sua obra mas de toda a realidade social do Brasil durante a Primeira República, revelando questões relativas a raça e diferenças sócio-econômicas que ajudam a compreender o país.

Dentre os documentos de importância decisiva para o estudo e a pesquisa, não só do autor como da própria cultura brasileira, estão os manuscritos escritos a lápis, no dorso de papel oficial do Hospício Nacional, com o relato dos três meses de internação do escritor naquela instituição. Lúcido, o escritor analisa as condições dos internos, dele mesmo, e reflete de forma muito especial sobre a realidade dos hospícios durante a década de 1920 (Resende, 2017, n. p.).

Deus (2017, n. p.) corrobora a fala de Resende (2017) e observa que:



Cabe ressaltar a singularidade deste acervo, que permite aos pesquisadores de diferentes áreas entrar em contato com uma história do Brasil “vista de baixo”, através da perspectiva de quem observava o mundo e os acontecimentos da época a partir dos subúrbios do Rio de Janeiro e da condição de homem negro que vivenciou a transição da monarquia à república e da escravidão à liberdade, atento aos processos de reiteração dos mecanismos de exclusão e desigualdade preservados – e perpetuados – no início do século XX. Lima Barreto fez dos seus romances, contos, crônicas, artigos, diários e correspondências – documentos que integram o seu arquivo sob custódia da Biblioteca Nacional – uma forma de intervenção e participação nos embates da época em que viveu, o que torna esses registros documentais fonte preciosa para o estudo e a compreensão do agenciamento da história por parte de um homem negro no Brasil do pós-abolição. Denunciou incansavelmente as mazelas do regime republicano nos moldes em que foi implantado e concretizado ao longo de suas primeiras décadas de existência, expondo suas contradições e refletindo sobre os desafios que se configuravam naquele tempo. Além disso, acompanhou atentamente os desdobramentos de acontecimentos como a Revolução Russa, a Primeira Guerra Mundial e tantos outros. Autor de vasta produção literária, abordou os mais variados temas e se empenhou em fazer o debate público das grandes questões da época.

A chancela “Memória do Mundo”, atribuída pela Unesco, busca preservar e proteger o patrimônio documental da humanidade. A missão do Programa Memória do Mundo é:

[...] facilitar a preservação, com as técnicas mais apropriadas, da herança documental do mundo; [...] facilitar o acesso universal ao patrimônio documental; [...] aumentar em todo o mundo a consciência da existência e importância do patrimônio documental. (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, [2023], tradução nossa).<sup>10</sup>

Dessa forma, dentre os compromissos assumidos pelas instituições agraciadas com a chancela da UNESCO a algum de seus conjuntos documentais, está o de editar e dar publicidade a fontes de informações sobre eles, por meio de catálogos, inventários, guias, entre outros. E, se possível, digitalizar o conjunto ou boa parte dele, possibilitando a consulta via internet.

Ao analisarmos com atenção a proposta da UNESCO, percebemos que a Organização não pode garantir a integridade dos conjuntos. Mesmo com os vários tratados internacionais de proteção ao patrimônio em tempos de guerra, há inúmeros casos e relatos de destruição do patrimônio de pedra e cal (monumentos e edificações), bem como do patrimônio vegetal (Eco, 2014), como os documentos<sup>11</sup>. Contudo, ao elaborar fontes que descrevem os itens de um conjunto documental, tais como arquivos ou coleções, há o registro de que aqueles documentos existiram, um vestígio da memória que não mais existe.

10 Original: “[...] facilitate preservation of the world’s documentary heritage. [...] Catalyse universal access to documentary heritage [...] Enhance public awareness worldwide of the significance of documentary heritage”. (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, 2023).

11 Recomendamos a leitura de: BÁEZ, F. *História universal da destruição dos livros: das tábuas da Suméria à guerra do Iraque*. Rio de Janeiro: Ediouro, c2006.

Exemplo prático disso são os inúmeros catálogos e inventários que sobreviveram à destruição de bibliotecas e arquivos ao longo dos tempos e que nos permitem remontar, ao menos em parte, as coleções dessas instituições.

O inventário analítico do arquivo pessoal do autor na Fundação Biblioteca Nacional, intitulado “Lima Barreto: no curso da vida e das leituras”, foi publicado em 2023, tendo apenas a versão digital interativa (*link* de acesso na nota de rodapé 4). Entretanto, esse não foi o primeiro a inventariar os documentos presentes na Coleção Lima Barreto: tal incursão já havia sido realizada em 1985, com a publicação no volume 105<sup>12</sup> dos “Anais da Biblioteca Nacional do Catálogo do Arquivo Lima Barreto”.

O catálogo ou inventário, como fonte de informação, tem a função social de fazer conhecer os documentos ali descritos, e serve de ponte entre o pesquisador e o documento desejado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O arquivo pessoal durante muito tempo foi negligenciado nos estudos e nas técnicas arquivísticas, todavia, a sua importância é sempre reafirmada quando confrontado com os estudos memorialísticos, afinal, tal fonte primária é de suma importância para a reconstrução (mesmo que imperfeita) dos fatos.

Não é compromisso da memória, por óbvio, a completude dos fatos, a realidade macro, mas, sim, a micro, a falta do todo, já que é na ausência e nas disputas que a memória opera. Sendo assim, as elites sempre tiveram o privilégio de ter sua memória preservada nos grandes bastiões nacionais, restando aos reles mortais o dever de render homenagens aos grandes da nação.

Deve-se a Monteiro Lobato e ao primeiro biógrafo de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa (Nogueira, 2023), o não esquecimento do escritor. O primeiro, seu editor, empenhou-se em divulgar suas obras mesmo após a sua morte, promovendo-as nos círculos literários nacionais. Já ao segundo deve-se à imortalidade de seu legado para além das páginas dos livros, seu legado como pessoa representada pelo seu arquivo pessoal, tendo em vista que foi o intermediário da venda pela família do escritor do conjunto documental à Biblioteca Nacional.

Ao se preservar o arquivo pessoal de Lima Barreto, preserva-se a memória de parte do povo negro, dos suburbanos cariocas, dos internos em hospitais psiquiátricos. Tem-se nesse conjunto documental a expressão máxima do sentido de memória social de Halbwachs (2006), mas, acima de tudo, o sentido máximo de uma memória subterrânea (Pollak, 1989), que ganhou a luz. A exceção à regra nas instituições e nos lugares de memória, onde o pobre, negro e marginal pode usufruir da imortalidade que lhe foi negada em vida.

Assim, finalizamos este artigo lembrando a função social do arquivo assegurada na Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991: “Art. 12 Os arquivos privados podem ser identificados pelo Poder Público como de interesse público e social, desde que sejam considerados como

12 Site: [http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630\\_1985\\_00105.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1985_00105.pdf).



conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional”. Mesmo que, no caso de Lima Barreto, seja anacrônico citarmos esse instrumento jurídico, é importante ressaltar o quanto se deve estar atento à amplitude do caráter social dos arquivos como fonte de informação sobre o passado, que alçam à categoria de imortal muitas pessoas e fatos.

Portanto, urge que se tire dos subterrâneos as memórias de inúmeros grupos que compõem o social, mas que não se fazem presentes nas instituições de memória.

## **REFERÊNCIAS**

120 ANOS da escolha do dístico da ABL. **Boletim**, 2018. Disponível em: <https://www.academia.org.br/boletins/120-anos-da-escolha-do-distico-da-abl>. Acesso em: 4 ago. 2023.

BARRETO, L. **Lima Barreto**: cronista do Rio. Rio de Janeiro: Autêntica; Fundação Biblioteca Nacional, 2017a.

BARRETO, L. **Diário do hospício**: O cemitério dos vivos. São Paulo: Companhia das Letras, 2017b.

BRASIL. **Lei no 8.159, de 8 de janeiro de 1991**. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. 1991. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União, 9 jan. 1991. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1991/lei-8159-8-janeiro-1991-322180-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2023.

DEUS, D. B. Carta ao Comitê Nacional da Memória do Mundo no Brasil, **Programa Memória do Mundo da UNESCO**, São Paulo, 6 jul. 2017.

ECO, U. **A memória vegetal e outros escritos de bibliofilia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FRAZÃO, D. Monteiro Lobato. **E-biografia**, 29 nov. 2022. Site. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/monteiro\\_lobato/](https://www.ebiografia.com/monteiro_lobato/). Acesso em: 10 ago. 2023.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBS, C. O caráter dos arquivos pessoais: reflexões sobre o valor dos documentos de indivíduo. *In*: HEYMANN, L.; NEDEL, L. (org.). **Pensar os arquivos**: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **Perfil**: Afonso Celso de Assis Figueiredo, visconde de Ouro Preto. Rio de Janeiro: IHGB, 2023. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/acdafigueiredo.html>. Acesso em: 8 ago. 2023.

NOGUEIRA, M. F. (org.). **Lima Barreto**: no curso da vida e das leituras: inventário analítico do arquivo pessoal do autor na Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2023. (Coleção Rodolfo Garcia; v. 48). Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-contudos/producao/publicacoes/colecoes/colecao-rodolfo-garcia/catalogo-lima-barreto>. Acesso em: 4 ago. 2023.

OLIVEIRA, L. M. V.; MACÊDO, P. L. P.; SOBRAL, C. C. Arquivos pessoais e intimidade: da aquisição ao acesso. **Revista do Arquivo**, [s. l.], v. 2, n. 4, mar. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Memory of the World**. [S. l.] : UNESCO, [2023]. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/memory-world>. Acesso em: 3 ago. 2023.

PEREZ, E. (org.). **Guia de coleções da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2018.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silencio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RESENDE, B. **[Carta ao Comitê Nacional da Memória do Mundo no Brasil]**. Rio de Janeiro, 11 jul. 2017.

SACRAMENTO B. A. V. A. **Diccionario Bibliographico Brasileiro (v. 1-7)**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1893-1902. Site. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221681>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SECCHIN, A. C. Por que a Academia Brasileira de Letras insiste em nomear não escritores como imortais? **Estado de S. Paulo**, 20 ago. 2016.